S. C. DA COSTA-SACADURA

Uma obra social que se impõe

O valor espiritual de um museu de história da medicina

LISBOA
1 9 4 5

Composto e impresso na Imp. Africana, Ltd. C. Mártires da Pátria, 20-21—Lisboa

Digitized by the Internet Archive
in 2019 with funding from
Wellcome Library

https://archive.org/details/b30632080

O que para muitos, num Museu, não passa de colecção, em quantidade, de simples curiosidades que os distráia ou divirta, deve ser para todos lição eloqùente e valioso elemento de estudo destinado a permitir o conhecimento profundo da génese e evolução da vida de um organismo ou de uma ciência. É indispensável, portanto, que essa colecção se encontre bem ordenada e apresentada, tenha vida para despertar curiosidade e desejo de estudo, alma para inspirar sugestões capazes de facilitarem a ligação do passado ao presente e ao futuro. Deve forçosamente ser um elemento dinâmico e constituir a melhor e mais fecunda lição de história.

É tempo de reagir contra a tendência de uma educação exageradamente científica e técnica, desprezando ou esquecendo o ensino da história, da arte e da filosofia, ciências que despertam e infundem o sentido da realidade humana, assim como promover por todos os meios ao nosso alcance que ao estudo da nossa história seja dado lugar de relevo para vincar com segurança o princípio vital da nacionalidade, estabelecendo a idéia de continuidade e levando-nos ao esfôrço de prosseguir a acção dos nossos antepassados.

A história é, como diz Gubernatis, a mais ideal e talvez a mais rica de todas as disciplinas, a que realça mais completamente a fisionomia de um povo, a que recebe luz de todos os lados e para todos os lados irradia luz própria.

Negará alguem o valor espiritual de um Museu histórico de Medicina, e ousará pôr em dúvida as vantagens reais do estudo da história da Medicina?

Para os médicos novos, muito especialmente, a visita de um Museu da especialidade pode ter influência enorme e decisiva. Com efeito, cada objecto deve ser motivo de meditação, e quantas sugestões construtivas de real progresso essa meditação não despertará!

Que curiosidades, que conquistas memoráveis não podem resultar dessa visita!

É curioso verificar o incremento que os estudos da história da Medicina estão actualmente a tomar e até — coisa notavel — nos povos envolvidos em dura e cruenta guerra. As próprias publicacões de história da Medicina multiplicam-se constantemente.

De cada uma das secções de um museu desta especialidade pode-se tirar proveitosa lição.

Uma galeria de retratos dos grandes mestres, antigos e modernos, além de perpetuar a sua memória veneranda, não só impressionará a retina do visitante, mas relembrará o labor penoso, e tantas vezes mal recompensado, dos devotados cultores da Medicina. Trará ao espírito a recordação de médicos ilustres que tudo sacrificaram ao nobre exercício da arte de curar, despertando o respeito e a admiração devidas ao médico, ao professor, ao clínico cioso da sua dignidade.

Os sistemas de hospitalização e assistência desde os tempos primitivos podem dar-nos valiosos ensinamentos sob os mais variados aspectos. Com efeito o estudo do passado não só por vezes apaixona, mas é motivo de fascinação e de utilidade; não se limita a elucidar e a ensinar: inspira também. E, neste caso, a perpetuidade de dispositivos antigos pode fornecer elementos extremamente interessantes de investigação.

Há projectos, plantas e «maquettes» que são, ao mesmo tempo, documentos de um realismo impressionante e obras de arte de incontestável valor.

Os sistemas de transporte de feridos — veículos, macas, camas, instalações provisórias, etc., são sempre de interêsse, até para os próprios leigos.

A secção de cirurgia deve traçar a evolução e desenvolvimento dos instrumentos e aparelhos, desde os mais antigos, empregados pelos povos selvagens, até aos modernos. E neste capítulo que progresso evolutivo as guerras não marcam!

Os processos de moldagem e de prótese, os diferentes aparelhos para mutilados, os protectores contra gases, etc. etc., são outras tantas maravilhas de progresso.

O que nos pode revelar a *Secção de Neurologia e de Psiquiatria!* Que rica colecção iconográfica pode ostentar!

Fig. 1 — General View of Portrait Gallery — The Wellcome Historical Medical Museum

E assim tôdas as secções: — a de *Estomatologia*, a de *Radiologia*, a de *Electroterapia*, a de *Obstetricia*, a de *Puericultura* com a interessantíssima e curiosíssima colecção de gútulos, biberões, extractores de leite de mulher, aparelhagem de pasteurização e esterilização de leite, berços, etc., etc.

E a de *Hidrologia?* Todos os prospectos, guias, gravuras, trabalhos de história de climatologia, terapêutica, hidrologia etc.

Num país colonial como o nosso, podiamos organizar uma interessante e original *secção dos povos primitivos* com curiosíssimos exemplares, como as suas divindades médicas, amuletos, talismans, encantos, etc. etc., tudo enfim que se refira à arte de curar.

Com a organização de um magnífico *herbanário*, para o qual as nossas colónias dariam farto contingente, quem sabe se tantas descobertas terapêuticas, que consideramos absolutamente modernas, não eram já conhecidas em tempos remotos, perdidas depois ou esquecidas para serem recentemente reencontradas!

Muitas antigas invenções, como se sabe, da actividade humana, teem sido empregadas de maneira contínua ou descontínua atravez dos povos e das idades. Nunca foram para desprezar os estudos comparados das relações com as raças primitivas.

Não devemos esquecer a *secção de autógrafos* como documentos que são do mais alto valor psicológico.

Da influência dos Museus de História da Medicina em *trabalhos de investigação* não é possível deixar de frisar o importantíssimo papel.

Com efeito, o exame das decepções e triunfos no longo período do passado ao presente é de grande ensinamento e pode ser origem de notáveis e produtivas inspirações.

Os ex-votos, nas suas tôscas e ingénuas expressões na pintura ou na escultura, as orações e estampas religiosas mostram como a alma humana, no seu contacto com a doença e a morte, reage em evocação e em aspirações que se perpetuam atravez dos séculos.

A *secção de farmácia* poderá reunir a mais curiosa colecção de potes, frascos, de alambiques, almofarizes de bronze, porfiro e cristal, farmácias portáteis, de forças expedicionárias, farmácias de bordo, etc. etc.

Que de recordações, desde a alquimia até à botica contemporânea e moderna e dos novos laboratórios...

Fig. — *2* Hall of Statuary — The Wellcome Historical Medical Museum

Como se vê, o assunto é vasto, e não bastaria o simples enunciado de despretencioso artigo para o abranger.

* * *

A idéia da criação de Museus de História da Medicina não é de hoje. Um dos primeiros foi o de Trudescant (catálogo impresso em 1656), depois o de Petiver e o famoso *Hunterain Museun.*

O mais completo, e posso dizer grandioso que conheço, é o famoso Museu de História da Medicina de Londres (Figs. 1 e 2), — a colecção «Wellcome». Ocupa um palácio enorme de três andares fora o rés-do-chão, com numerosas e amplas salas, numa racional e científica distribuição. E é curioso registar que êste Museu teve o seu início em 1865 na oferta que a viuva de Baudelocque, o célebre parteiro francês, fez à Sociedade Obstétrica de Londres do primeiro cefalotribo construido e empregado por seu marido. Foi então que o presidente dessa Sociedade, Barnes, propoz a criação de um Museu que teve por núcleo aquele instrumento.

Já o Dr. Hall Davis, referindo-se na Sociedade Obstétrica de Londres em janeiro de 1867 à *Exposição de instrumentos*, tinha mostrado as vantagens dessa exposição, afirmando que os «instrumentos, símbolos tangíveis e visíveis do pensamento dos seus autores, teem sôbre os livros a vantagem de falarem uma língua universal, não carecendo, por isso de traductores». Era para impressionar a disparidade entre os instrumentos obstétricos exibidos pelos diversos países, disparidade a que aliás corresponde certa analogia nos modos de ver. O facto foi atribuido à influência das diferentes escolas predominantes levando o prático por caminhos diversos ao mesmo *desideratum.*

Do seu exame se pode tirar proveitosa lição, comparando os diferentes meios empregados por diversos parteiros, despertando assim sugestões e incitamentos para aprefeiçoamento de métodos e processos.

* * *

A Itália ostenta (ou ostentava) o seu belo «Instituto Histórico

Italiano de Arte Sanitária» em Roma, e no Museu de Nápoles vi eu, com o maior interêsse e justificada curiosidade, os instrumentos cirúrgicos encontrados em Pompeia (Figs. 3 e 4).

Fig. 3 — Strumenti chirurgici trovati in Pompei

Dresde com a exposição de Higiene em 1911, a que se seguiu a instalação do «Museu de Higiene», apresentava, aos nossos olhos deslumbrados, verdadeiros requintes de engenho.

Em Leipzig, o Prof. Sudhof reuniu colecções respeitantes muito

particularmente à história da higiene e ainda especialmente à história da hidroterapia.

E entre nós?

O Pôrto possue um Museu de História da Medicina já bastante interessante, devido aos esforços do Prof. Alfredo de Magalhães por ocasião da Exposição Retrospectiva de Medicina, em 1925, que fez parte das Comemorações do Centenário. Este museu foi organizado pelo Prof. Luiz de Pina e inaugurou-se em 17 de outubro de 1933, resolvendo o Conselho Escolar, em 1936, dar-lhe o nome do Professor Maximiano de Lemos. Os Professores J. A. Pires de Lima e Hernâni Monteiro teem contribuido dedicadamente para o seu engrandecimento.

As duas gravuras 5 e 6 dão uma idéia da sua instalação.

E nesse Pôrto tão bairrista, Pedro Vitorino e Alberto Saavedra organizaram uma Exposição Retrospectiva de Medicina por ocasião do 1.º Centenário da Régia Escola de Cirurgia (1925) de cujo valor e magnitude nos dá conta o respectivo catálogo, justificando plenamente aquele dizer de Anatole France de que «não há leitura mais deliciosa do que um catálogo».

Na Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa quando, em 1923, tive a honra e o prazer de, na sua presidência, promover a comemoração do seu primeiro centenário, realizou-se também uma valiosa e interessante exposição, cujo catálogo está publicado no respectivo livro: «Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa (1822--1922) Comemoração Centenária em 1923,» com a colaboração do erudito cirurgião Alberto Mac Bride.

Lisboa não tem pròpriamente um Museu de História de Medicina.

Em 1912, A. Mac Bride publicou um magnífico artigo na «Medicina Contemporânea» (n.º 7 — 18-2-912) evidenciando o valor do ensino da História da Medicina, proclamando a necessidade de «reunir no Hospital de S. José e coleccionar todos os objectos, livros de registo, que os tem preciosos, não só para estudo da história da medicina, mas dos costumes populares, livros antigos escritos pelos seus clínicos, papeletas, antigos ferros que possua, alguns de invenção muito original, tudo quanto seja interessante para o estudo da evolução da medicina nacional. Será o primeiro Museu de História Médica, e»

estou certo, mercê das condições do Hospital de S. José, o unico possivel, de realizar em Portugal».

O snr. Enfermeiro-Mór dos Hospitais de então, o Dr. Stromp,

Fig. 4 — Strumenti Chirurgici — Pompei

médico muito culto, acolheu o alvitre com interêsse e simpatia, e nomeou uma comissão (v. «Med. Cont.», 7-VII-912 pag. 216), para realizar esta idéia, que não vingou. Outras comissões se lhe sucederam e recentemente mais uma que acabará ainda por insucesso.

absoluto, visto que não é concedido local e verba para a sua instalação.

Além disto os objectos então existentes nos hospitais civis, que constituiam peças preciosas para um Museu, pela sua raridade, antiguidade e originalidade, desapareceram, vendidos alguns para sucata, por economia, ignorância e... má fé. Assim desapareceram as bacias de cobre dos Irmãos de Caridade, os aparelhos e instrumentos da velha cirurgia, os utensílios das cristaleiras e dos sangradores etc., etc.

Relembre-se mais uma vez a nossa secular Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa de tão gloriosas tradições, o melhor brasão da classe médica, e que fundou o primeiro Museu de História da Medicina, tendo oferecido em tempos à Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa os objectos que o constituiam. Das peças preciosas que havia nesse Museu dá-nos uma idéia esta passagem que se encontra a pag. 145 do «Jornal da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa» tomo XXV (1861):

«Na *Sociedade das ciências médicas de Lisboa há* de existir um bastão de Esculápio que pertencia a um d'estes curandeiros que havia falecido e que não teve herdeiro, e também uma memória em que o nosso distinto colega coligiu as tradições daqueles povos sôbre o emblema do deus da medicina».

A Faculdade de Medicina de Lisboa é possuidora de formidavel material em quantidade e qualidade para um formosíssimo Museu e Portugal tem possibilidades pelos seus Ministérios da Educação Nacional e das Colónias de organizar um dos melhores Museus dêste género.

Há na Faculdade uma rica colecção de instrumentos da velha cirurgia que herdou da Escola Médico-Cirúrgica e ainda da velha Régia Escola.

Barros e Silva tem carreado também algum material iconográfico e particularmente curiosas caricaturas, fotografias, retratos, recortes de jornais, etc.

De longe data êste sector da vida da nossa Escola Médico-Cirúrgica e Faculdade (bem posso dizer nossa, pois nela tenho vivido desde 1891, há 55 anos, como aluno, como Chefe de Clínica, 2.º e 1.º assistente professor livre, auxiliar, extraordinário, catedrático e jubilado) tem merecido a minha atenção.

Salvei muitos instrumentos na velha mansarda de St.ª Bár-

Fig 5. — Museu de História de Medicina Prof. ~~Magalhães~~ de Lemos. Faculdade de Medicina do Porto

Magalhães

bara onde se albergava a enfermaria de partos, e já em 1916 trocava correspondência com mestre J. A. Pires de Lima para a identificação de alguns dêles que eu vira na sua colecção da Faculdade de Medicina do Porto.

Em 1919 pedia Curry Cabral e M. Bordalo Pinheiro objectos para êste Museu. Conservo os seus autógrafos com a lista das suas ofertas.

Assim criei um núcleo de um Museu de Obstetrícia que mais tarde, e sempre à minha custa, enriqueci, instalando-o na «Maternidade de Magalhães Coutinho» então da minha direcção.

Cessando as minhas funções directivas nêsse estabelecimento com o limite de idade, ofereci ao Museu da Faculdade não só todo o recheio do Museu de Obstetrícia, mas muitos outros objectos que ainda guardava em minha casa (cêrca de 450 espécies).

Sem dúvida possui a Faculdade muito e bom material, mas não tem instalação apropriada e tudo está amontuado, sem arrumação possível naquele compartimento.

O Prof. Mark Athias, uma das melhores cerebrações da Faculdade de Medicina, de cultura e saber invulgares, mas também de invulgar modéstia, tem-se interessado fortemente por êste assunto, mas só desajudas, desinterêsse e até contrariedades o teem rodeado.

Teve a gentileza de me pedir a minha calaboração para a remodelação do Museu, e com dedicação, embora desvaliosa, lhe seria dada. Mas o seu limite de idade aproxima-se...

Ora estas funções e outras — Director do Museu Histórico de Medicina, da Biblioteca, etc. — não seriam preferivelmente atribuídas a um catedrático jubilado e bem válido e culto como o Prof. Athias? Um catedrádico em exercício, no desempenho de funções docentes necessàriamente absorventes não dispõe de tempo e paciência para dedicar a êstes assuntos que exigem estudo e longas rebuscas.

Oxalá as estâncias competentes considerem êste caso e o Instituto para a Alta Cultura comece a dispensar o seu patrocínio a êstes organismos de decisiva acção cultural.

*

* *

A organização dêste Museu tem de ser obra de todos, e particularmente dêsses homens cultos que recolhem com entusiasmo

Fig. 6 — Museu de História de Medicina «Prof. ~~Magalhães~~ de Lemos». Faculdade de Medicina do Porto

Maquinino

pedaços do passado ou do presente, praticando obra inteligente e infinitamente proveitosa.

Verdadeiros beneméritos são êsses coleccionadores, contribuindo poderosa e eficazmente para os estudos históricos que se tornam necessários na evolução das sociedades.

Se todos os médicos, se todos os hospitais ou centros de cura enviassem qualquer cimélio ou objecto histórico, se todos os Museus enviassem duplicados ou supérfluos do que possuem, esta recolha médica tornar-se-ia notável, digamos nacional.

Que para o assunto se olhe com olhos de ver, e com a urgência que o caso requere, tais são os meus mais ardentes e calorosos votos.

Agosto de 1945.